

PERÍFRASE ASPECTUAL PEGAR E + ...¹

Sandro BRAGA²

RESUMO: Uma abordagem do verbo “pegar” em contexto perifrástico em que o primeiro verbo passa a funcionar não mais como indicador de ação, mas como operador que designa outra ação de modo imediato e inesperado.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica. Perífrase. Verbo Pegar.

Introdução

Quando pensamos na significação acerca do verbo³ “pegar” é possível relacionarmos aos seguintes significados abaixo arrolados. Lembro que a diversidade dos exemplos não esgota outras possibilidades de manifestação. Ou seja, os exemplos apontados são quantitativos e não exaustivos, como seguem: *segurar; levar; agarrar; prender; criar raízes, mexer; contrair; difundir; tocar; aderir; colar; entender; tomar; atropelar; funcionar...*

¹ Artigo produzido sob a orientação da Professora Dra. Roberta Pires/UFSC, na área de Semântica, com a finalidade de cumprir um dos requisitos exigidos para a qualificação de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Linguística/UFSC.

² UNISUL e Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina, São José, SC, Brasil. san15@ig.com.br

³ A princípio estou chamando de *verbo*, mas para uma abordagem semântica seria melhor chamar de *predicado*.

Olhemos mais de perto o quadro geral de realização do verbo “pegar” tal qual nos seus sentidos dicionarizados (ou não). Esse verbo pode materializar-se com os seguintes usos:

- 1) André *pegou* Isabela no colo pela primeira vez.
- 2) Você *pegou* algo do escritório?
- 3) Na cobrança do pênalti, o goleiro *pegou* a bola com precisão.
- 4) A polícia *pegou* os sequestradores.
- 5) O galho *pegou* e cinco anos depois já fazia uma boa sombra.⁴
- 6) Não *pegue* nos objetos da senhora Matarazzo.
- 7) Semana passada *peguei* uma gripe.
 - 7.1) No fim de semana *peguei* um bronzeado legal
- 8) Usar sandálias havaianas *pegou* por aqui.
- 9) Não *pegue* em mim.
- 10) A etiqueta *pegou* na blusa.
- 11) A fita não *pega* mais.
- 12) Você *pegou* bem a noção de perífrase?
- 13) Que horas você *pegou* o ônibus?
- 14) O trem *pegou* o menino que brincava nos trilhos.
- 15) Se empurrar o carro, o motor *pega*.

Constata-se, numa primeira observação, que “pegar” apresenta significados distintos em cada uma das realizações acima, mantendo, no entanto, uma certa relação com a significação de “pegar”. O que me leva a pensar que, nesses casos, está se lidando com polissemia (sentenças 1 a 14)⁵. Na sentença 15 parece que se tem um exemplo de ambiguidade lexical. De qualquer forma, pode-se afirmar que tais manifestações apontam para níveis diferenciados de “pegar”: concreto e abstrato. Vejamos:

Esquema dos significados conforme o contexto acima exposto:

⁴ Nota-se que, na sentença (5), não se trata da estrutura “pegar e +...”, que apresentarei mais tarde. Nesse caso, o verbo “pegar” significa por ele mesmo e o conectivo “e” desempenha outra função.

⁵ Grosso modo relacionei essas sentenças como polissêmicas, mas deixo aqui minhas dúvidas quantos às questões 5, 8 e 14.

Pegar (pegou, peguei, pegue, pega...)	1	segurou (a criança)	concreto
	2	levou (algo)	concreto
	3	agarrou (a bola)	concreto
	4	prende (sequestradores)	concreto
	5	criou raízes/vingou	concreto
	6	mexa (nos objetos)	concreto
	7	contraiu (doença/bronzeado)	concreto
	8	difundiu-se (a moda)	abstrato
	9	toque (em alguém)	concreto
	10	colou/grudou	concreto
	11	adere (no mural)	concreto
	12	tomar/embarcar	concreto
	13	atropelou (o menino)	concreto
	14	entendeu (o assunto)	abstrato
	15	funciona (o motor)	concreto

Gostaria ainda de pensar nas sentenças em que a significação do verbo “pegar pode estar relacionada com o uso metafórico:⁶

16) Pare de *pegar* no meu pé.

Sentença ambígua: a) metáfora significando *pare de me perseguir* (portanto abstrato) b) *não pegue no meu pé* literalmente (concreto).

Após as observações acerca do uso de “pegar no português (do Brasil) gostaria de chamar atenção para as seguintes sentenças:

- 17) Pedro *pegou e* cortou o mal pela raiz;
- 18) *Peguei e* sabe aonde é que fui?;
- 19) *Pegou e* não falou comigo mais de um mês;
- 20) Marta *pegou e* saiu;
- 21) Estava lá vendo um filme, como não gostei *peguei e* fui dormir.

Essas ocorrências foram observadas no nosso dialeto (português brasileiro), primeiramente, na língua falada, em alguns lugares de Santa Catarina, sobretudo

⁶ Estou usando o termo metafórico num sentido geral. Não estou pensando no quadro teórico da semântica cognitiva, no qual muitos dos meus exemplos seriam metáforas, como por exemplo “Deitei e logo peguei no sono”.

no litoral. Esse uso assinala a existência da estrutura “PEGAR E + V2”, em que V2 significa um segundo verbo qualquer. Nota-se que é bastante comum o uso de “pegar e +” em nossa linguagem cotidiana.

Diante dessa estrutura “pegar e +” como podemos definir ou classificar tal construção? Qual é o estatuto que ela comporta? Qual o seu significado, uma vez que parece diferenciar-se de todas as possibilidades semânticas de ocorrências do verbo “pegar” nas sentenças de 1 a 15, sejam elas concretas ou abstratas? A questão é instigante, uma vez que essa estrutura diferencia-se ainda da sentença 16, portanto não importando se o verbo “pegar” é empregado num sentido polissêmico, ambíguo ou metafórico.

Trata-se, portanto, neste artigo, de tentar entender qual é a contribuição semântica dessa expressão. Nota-se que o uso dessa estrutura não se dá sem uma força semântica específica, por isso acredito não ser uma simples expressão idiomática. Seu uso faz com que uma certa ação seja desencadeada subitamente, o que caracteriza essa construção perifrástica como aspectual. Assim, sinalizo o impasse com a noção de perífrase aspectual.

Inicialmente não apresentarei uma noção de perífrase, pois tomá-la em sua conceituação já cristalizada de sintagma ou expressão mais desenvolvida ou idiomática que substitui outra poderá dificultar o estatuto para a proposta de perífrase aspectual. Tomamos primeiramente a idéia de sintagma (“pegar e + verbo 2”) atentando para o fato de que o primeiro elemento não possui semântica de verbo. Assim, apresentarei uma série de recortes a partir de um *corpus* específico para chegar à formulação de perífrase aspectual. A hipótese que vislumbro é que essa expressão opera como uma construção perifrástica aspectual, pois penso que ela mostra como acontece o evento internamente, como essa estrutura se dá, de forma inesperada. Assim, não se trata apenas de substituição de termos, mas de tomada de decisão repentina para realizar uma ação. No decorrer do artigo desenvolverei essa idéia.

Construção PEGAR E + ...

A construção “pegar e + ...” conserva autonomia estrutural nas sentenças, tanto na forma afirmativa quanto na negativa e na interrogativa. Observemos:

- 22) Pedro *pegou e* cortou o mal pela raiz;
- 23) Pegou e *não* falou comigo mais de um mês.

24) Peguei e sabe aonde é que fui?

No caso da negação (23) constata-se que o operador “não” atinge somente o segundo verbo “falou”, enquanto o primeiro, “pegou e”, mantém a forma afirmativa.

Com relação à sentença interrogativa (24), ocorre o mesmo processo: “peguei e + ...” permanece autônomo, ao passo que a interrogação recai sobre o verbo “saber”. “sabe aonde é que fui?”. No entanto, o mesmo parece não acontecer na sentença a seguir:

25) Ele pegou e saiu?

Parece que em (25) a pergunta incide sobre o todo, ou seja, pergunta se o evento de saída foi, de certa maneira, intempestivo. “Pegou e” parece estar funcionando como um tipo de advérbio (repentinamente) que indica como o evento ocorreu.

Observa-se que mesmo afirmando que a pergunta incida sobre o todo, a estrutura “pegar e +” ainda assim parece conservar autonomia. Se aplicarmos o teste à pergunta “Ele pegou e saiu?” a resposta mais provável será “sim” ou “saiu” ou ainda “sim, saiu”, mas não haverá resposta do tipo “pegou” ou “sim, pegou”.

O mesmo teste pode ser aplicado à sentença 25.1:

25.1) Foi ele que pegou e saiu?

A resposta a esse teste será “foi” ou “sim, foi”, não faz relação com a estrutura “pegar e +”.

Ressaltamos que o uso de “pegar e + ...” não se materializa nas seguintes situações:

26) * Pegou não e foi embora.

27) * Não pegou e foi embora.⁷

* Nessas posições, o operador “não” jamais é admitido pelos falantes.

⁷ Até poderia, mas só se for uma negação metalinguística.

MODO TEMPO PESSOA NÚMERO

A estrutura “pegar e + ... realiza-se com maior frequência no pretérito perfeito do modo indicativo nas 1ª ou 3ª pessoas do singular. Este é o quadro corrente do uso entre os falantes desse dialeto de onde partiu as primeiras observações. Assim, tem-se:

- 28) Ah! Peguei e fui pra casa.
- 29) Ele pegou e disse que não ia mais falar.

Mesmo acreditando que essa ocorrência seja mais produzida nas narrativas orais de 1ª e 3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, parece ser possível tal realização em outras pessoas, tempos e modos. Para isso, apresentarei pesquisa de *corpus*⁸ realizada através de mecanismos de busca da Internet na qual a referida estrutura foi requerida em todos os modos, tempos e pessoas do Português do Brasil (PB) em que pudessem ocorrer. A pesquisa visa, também, a identificar o uso dessa expressão em outras localidades.⁹ Importante ressaltar que essa parece ser uma manifestação típica da oralidade, mas que, no entanto, aparece também na forma escrita, na maioria das vezes, preservando aspectos da oralidade.¹⁰

O quadro que passarei a apresentar obedecerá a uma classificação morfológica, porém chamarei atenção para as ocorrências de termos em que a semântica leva para outras significações (de tempo e modo).¹¹

⁸ As sentenças foram transcritas tais como encontradas nos *sites*.

⁹ Vale observar que a linguagem da Internet, sobretudo a dos *chats* e dos *blogs*, mesmo materializada sob a forma da escrita, mantém uma relação de semelhança muito próxima da linguagem oral.

¹⁰ As ocorrências em que aparece o verbo “pegar” seguido do conectivo “e”, mas que não constituem perífrases aspectuais foram desprezadas, como no exemplo:

a) Por incrível que pareça o fogo pegou e botamos umas linguiças para assar!
http://ccj.ufsc.br/p20/churrasco/14-06-2002_cco992/imagepages/image28.htm

¹¹ As ocorrências surgiram em números variados e estão registradas no levantamento do *corpus*, porém para fins de atender ao espaço destinado a esta publicação restringi, na maioria das vezes, a apenas um exemplo.

INDICATIVO
PRESENTE

1ª Pessoa/singular: “*eu pego e*”

- 30) Tava zuado os comentários naum sei pq, daí eu *pego e* faço todo o template de novo... resultado, os coments voltam a funcionar !! Só que qual é minha surpresa ??? Os coments param de funcionar de novo !!!
(<http://www.coisadevagaba.blogspot.com.br/>)

Nota-se que a estrutura “*pego e*” está no presente, mas, funciona no passado, como se fosse “*peguei e*”, ou seja tem a forma do presente do indicativo, mas semanticamente é um passado perfeito.

- 31) A família imperial, para sossegar os barões, em 1875, anos antes de fazer esse crime contra a raça negra disse: espera um pouco, nós vamos abrir uma imigração no mundo inteiro de gente que venha trabalhar; quando as fazendas estiverem todas acertadas *eu pego e* assino. E foi o que aconteceu no dia 13 de maio.
<http://www.bixiga.com.br/telas/oldbix.htm>

Alerto que aqui a estrutura “*pego e*” também está com morfologia de presente, em 1ª pessoa, no entanto indicando algo que aconteceu no passado. Interessante notar ainda que esse passado aponta para uma ação futura: “...vamos abrir uma imigração...”. Nota-se que mesmo com essa mescla de morfologias em tempos diferentes a semântica da sentença é de pretérito perfeito, como se fosse dito “A família *pegou e* assinou...”. Disso, quero dizer que a expressão pode manifestar-se nos dois tempos presente e passado.

2ª Pessoa/singular: “*tu pegas/pega*”¹² e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “*você pega e*”

- 32) Eu vi na distribuicao do Slack e no motd tem apenas “Linux 2.4.20 que nem você tinha dito....”

¹² Quando a 2ª pessoa do singular aparece em *itálico* aponta para um registro não aceito pela normativa, porém, de possível manifestação por falantes do PB e, portanto, pesquisado.

Agora *você pega e* escreve dentro do motd o que *você* deseja escrever “amo o linux , sai salvando do arkivo e pronto...
(<http://www.vivaolinux.com.br/dicas/verDica.php?codigo=573>)

3ª Pessoa/singular: “*ele pega e*”

Gostaria de chamar a atenção para a *possibilidade* de ambiguidade produzida por *algumas* sentenças. Acredito que na oralidade essas ambiguidades não apareçam ou sejam resolvidas pelo contexto de entonação de proferimento da sentença.

Merlan (1999) não fala sobre a possibilidade de ambiguidade das sentenças, mesmo quando usa exemplos de escrita de contos populares. Talvez ela tenha descartado as sentenças ambíguas e usadas somente as sentenças em que a perífrase paratática¹³ fica clara. Acredito ser pouco provável que Merlan não tenha encontrado sentenças ambíguas.

- 33) *Ele pega e* estrai a rolha com a unha e bebe animadamente o vinho! Então parte para a próxima garrafa e assim por diante. Numa felicidade fantástica.
(www.radio.weblogs.com/0126623/stories/2003/06/22/oGatoQueInventouOSacarolha.html)

Tem-se uma vez sentença ambígua. Mas acredito que a preferencial seja mesmo a perífrase aspectual: a) “Num determinado momento toma a decisão de abrir garrafa extraindo a rolha com a própria unha b) “Ele pega a garrafa e extrai a rolha com a unha .

- 34) Então, *ela pega e* diz: “Bonita esta estampa que ele usou, né? [referindo-se e olhando diretamente ao quadro bem em frente à eles]. Ele responde um simples “Sim , olhando nos olhos dela, como se nunca tivessem se visto na antes
(<http://rebiscoito.wordpress.com/2008/11/>)

¹³ Merlan denomina a estrutura “pegar + V2 como perífrases paratáticas “(...) as chamadas perífrases paratáticas compostas por dois verbos flexionados no mesmo modo, tempo, número e pessoa, em relação copulativa, dos quais apenas o segundo conserva integralmente o semantismo. (MERLAN, 1999, p. 159).

A ambiguidade nesse caso é resolvida pelo contexto, que inclusive explica como o evento ocorreu. Fora do contexto em que a sentença foi coletada poder-se-ia aludir que a 3ª pessoa “ela pegou algo em que foi inserida uma estampa. Para evidenciar a força aspectual desencadeada pela perífrase “pegar e + , ou seja, de uma tomada de decisão que produz uma ação, trago abaixo o fragmento anterior do enunciado coletado em 34:

34.1) Opa! Finalmente nos encontramos; um ao lado do outro, como se simplesmente o destino nos tivesse juntado. A vontade de dizer coisas idiotas estava lá, na verdade qualquer coisa que fosse dita seria idiota mas um dos dois teria que começar um assunto, já que se não começassem, seria uma oportunidade perdida pra sempre.

35) COTIDIANO (Caetano Veloso)¹⁴
Seis da tarde, como era de se esperar
Ela *pega e* me espera no portão
Diz que está muito louca prá beijar
E me beija com a boca de paixão
(members.fortunecity.es/sololetas/ canciones/letra_can/canc_1884.htm)

Observa-se que estou tratando a estrutura perifrástica aspectual “pegar e + como se a mesma funcionasse como um operador que desencadeia a ação, uma ação repentina. Em (35) trata-se de um contexto genérico, de hábito, o que já indica a repetição. No entanto, o que se repete é o modo como ela age.

1ª Pessoa/plural: “nós pegamos e

36) Porque aí nós *pegamos e* pensamos: para onde vai a humanidade?
([http://portrasdasletras.folhadaregiao.com.br/aprimoramento linguistico.html](http://portrasdasletras.folhadaregiao.com.br/aprimoramento_linguistico.html))

¹⁴ No referido *site* consta como sendo do Caetano Veloso essa canção, mas sua autoria é de Chico Buarque.

3ª Pessoa/plural: “eles pegam e

37) Rápidas erupções solares que *pegam e* devoram as de movimento mais lento podem provocar longas tempestades geomagnéticas quando atingem a magnetosfera da Terra.

(<http://www.orbita.starmedia.com/~planetabr/orbita/reporter/noticia030.htm>)

PRETÉRITO PERFEITO

1ª Pessoa/singular: “eu peguei e”¹⁵

38) Aí ele me falou que não ia me dar um presente. Aí eu *peguei e* falei, então tá, eu não queria mesmo!

<http://ciberduvidas.sapo.pt/diversidades/> (site/Portugal)

39) (...) meu pai ta mto no meu pe, ele ta mto chatu

Nw deixoueu toka nu telefone

antes d tdo eu minha mae e meu pai discutimus ateh num kere mais ASSUNTO : ‘ Fura meu nariz primeiro minha mae deixo, depois meu pai imbaxo ae eu peguei e sai sai di csa mew, fui ali na vizinha kkkkkkkkkk...Bom e fikei la ate 12:30 (...)

(www.garotinha_doidinha.weblogger.terra.com.br/200306_garotinha_doidinha_arquivo.htm)

Nota-se que (39) foi retirado de *blogger* (diário “coletivo *on line*). O *blogger* possui uma escrita muito semelhante ao diário pessoal e, conseqüentemente, uma escrita bastante livre e muito próxima do relato oral.

2ª Pessoa/singular: “tu pegaste/pegasse/pegou e”¹⁶ (*sem ocorrência*)

2ª Pessoa/singular: “você pegou e

40) Quando captei a mensagem, nem precisa dizer o que aconteceu. Peguei meu violão, voltei pro lugar onde eu tava sentado e me

¹⁵ Estão em destaque a 1ª e 3ª pessoa do pretérito perfeito em que as estruturas parecem ser mais recorrentes e produtivas.

¹⁶ Tentei, também, essas formas de 2ª pessoa singular do pretérito perfeito: “tu pegasse e / tu pegou e”. Sobretudo na oralidade, há em Santa Catarina uma tendência de conjugar-se a 2ª pessoa “tu” do pretérito perfeito do indicativo usando a flexão do subjuntivo “pegasses” sem o último “s”, mas, esse uso realiza-se no indicativo, não sendo uma forma condicional. No Rio Grande do Sul, usa-se a 2ª pessoa “tu”, mas conjuga-se como 3ª não trocando de modo, apenas de pessoa: “tu pegou e”.

fiz indiferente. *Você pegou e* saiu, mas deixou o tal caderno, livro, lá em cima.
(http://nectar-da-flor.blogspot.com/2008_12_01_archive.html)

Caso a sentença ficasse isolada, poderíamos aventar a possibilidade de uma ambiguidade: “*Você pegou e* saiu, mas deixou o tal caderno, livro, lá em cima . Assim, a 2ª pessoa “*you* poderia ter apanhado algum objeto explicitado em contexto qualquer anterior e saído. Mas com a entrada de parte do enunciado parece estarmos mesmo diante de uma perífrase aspectual.¹⁷

3ª Pessoa/singular: “*ele pegou e*

41) Aos 6 minutos, foi a vez do Figueirense criar uma boa chance. Triguinho *pegou a bola* na intermediária e driblou três adversários (...)
O Figueirense chegou ao segundo gol aos 17 minutos, num erro de saída de bola do Paysandu. Bilú *pegou e* rolou para William, que chutou forte sem chance para Carlos (...)
(<http://br.esportes.yahoo.com/031104/4/fvrq.html>)

Novamente há ambiguidade: a) “*pegou a bola e a rolou* b) “*decidiu rolar a bola para William...* . Perceba que deixei a sentença anterior. No primeiro destaque temos clara a ação de “*pegar a bola* . Já no segundo destaque “*pegou e rolou* sabe-se que o jogador rolou a bola, mas, não se tem certeza de que o narrador usa o verbo “*pegar* indicando a ação de “*pegar a bola* ou “*resolução de rolar a bola para tal jogador X* .

42) Dois dias atrás a Avril e o Jesse, estavam conversando e o Jesse deixou a Avril um pouco nervosa, aã- *ela pegou e* virou pra ele e disse assim:

¹⁷ Segue fragmento anterior ao enxerto: *Era um lugar com uma sala enorme, bem grande mesmo e tinha uma claridade incrível. Estávamos nós dois nessa sala, eu com o meu violão sentado numa ponta do sofá e você lendo alguma coisa, um caderno, um livro, algo assim, na outra ponta do sofá. De uma hora pra outra você me chamou pra me mostrar alguma coisa que estava escrito em uma das páginas, mais ou menos em códigos, que só você mesma poderia entender. Levantei, perguntei o que era aquilo, do que se tratava, você tentando me fazer entender; me mostrava as linhas mais relevantes e fui realmente entendendo do que se tratava: era um ex idiota seu, dizendo o quão inesquecível foi estar com você.*

Eu nao te amo, e nunca te amei, serÃ; que vocÃª nunca percebeu isso? VocÃª Ã© sÃ³
(<http://avrile10.weblogger.com.br>)

43) Minha mÃe morreu quando eu tinha 9 anos.

E o seu pai?

“SÃ³ lembro dele morto.

E sua mÃe?

“TambÃm. Desde quando meu pai morreu, eu nÃo morava mais com minha mÃe, minha tia me pegou pra criar. AÃ ela *pegou e* me levou para o orfanato, o conselho tutelar.

(<http://www.tvcultura.com.br/caminhos/42parto/parto1.htm>)

44) AtÃ que a ninfeta *pegou e* me falou Dede vou te jogar na parede...(e me jogou) e te morder (e me mordeu)(http://www.dede.weblogger.terra.com.br/200207_dede_arquivo.htm)

45) Assim Ã, mana eguinha... NÃo temos mais Kusma Ionitch... Foi-se desta para melhor... *Pegou e* morreu, Ã toa... Agora, imagina tu, por exemplo tu tens um potrinho, e tu Ãs a mÃe desse potrinho... E de repente, imagina, esse mesmo potrinho se despacha desta para melhor... DÃ pena ou nÃo dÃ? (<http://planeta.terra.com.br/arte/ecandido/mestre71.htm>)

Observa-se que as sentenÃas (41) e (43) sÃo relatos de jornal *on line*. E as sentenÃas (42) e (44) sÃo descritas em *bloggers*. Destaco que (43) parece ser um relato pessoal, portanto novamente muito prÃximo do oral. Disso, reafirmo que essa ocorrÃncia parece ser caracterÃstica da lÃngua falada. Talvez seria uma forma econÃmica de dizer “tomou a decisÃo, resolveu”, acrescido de que essa decisÃo e resoluÃo foi tomada repentinamente. Na escrita, sobretudo, dentro da forma culta da lÃngua portuguesa, essa estrutura nÃo Ã comum.

Mesmo na sentenÃa (45) que nÃo se trata de uma decisÃo “pegou e morreu, Ã toa”, a sentenÃa indica que essa aÃo nÃo era esperada. Ou seja, morreu sem motivo, repentinamente. Seria diferente de dizer “minha eguinha morreu”. Nessa Ãltima parece que “morrer” Ã mais natural que “pegar e morrer”.

1ª Pessoa/plural: “nÃs pegamos e

46) Esse feriadinho caiu num dia taum baom...hhehee

Hum...ah dexe eu conta di ontem fui mtooo boommm, nos fomos pra kachaçaria dai num tinha mesa e mto - cadeira pra td mundo senta...nos *pegamos e* fomos pru bom peixe so ki cm a Fer tinha ki i embora 12:00(...) (www.vakonices.blogspot.com.br/)

1ª Pessoa/plural: “a gente pegou e

47) ...minha tia flw q ela tbm ia daí ela chamou um amigo dela eo Thiago, irmão dele, agente foi, blz, chegamos lá tava tudo lotado, daí agente *pegou e* fomos pro ... (www.docinhohoppus.blogspot.com.br/)

3ª Pessoa/plural: “eles pegaram e

48) Cito só o exemplo de uma banda muito boa do nosso underground chamada Pierrots. *Os caras pegaram e* organizaram um evento chamado Década de 100! na Casa da Matriz, botaram 8 bandas pra tocar (www.tosembanda.globo.com/trombone/guestbook.asp)

PRETÉRITO IMPERFEITO

1ª Pessoa/singular: “eu pegava e

49) Zélia Barbosa: Pau de arara
Letra e música: Vinicius de Moraes; Carlos Lira
In: “Brésil Sertão & Favelas
que vida danada, que fome que eu tinha
zazando na praia pra lá e pra cá
quando eu via toda aquela gente
no come que come
eu juro que eu tinha saudades da fome
da fome que eu tinha no meu Cearà
e ai eu *pegava e* cantava
e dançava o xaxado...(http://natura.di.uminho.pt/~jj/musica/html/zeliaduarte_06.html)

2ª Pessoa/singular: “tu pegavas/*pegava e* (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “você pegava e

- 50) Debaixo da toalha, tinha um gibi escondido. Aí você *pegava e* abria o chuveiro, fechava o box (com você do lado de fora, é claro) e, tranquilamente, lia o gibi sentado no vaso sanitário. (<http://zonanon.com/non/plural/arturdc/0050.html>)

Nota-se que essa narrativa é uma estrutura de 2ª pessoa/singular como estratégia para falar da 1ª pessoa/singular: “eu pegava e

3ª Pessoa/singular: ele pegava e

- 51) “Eu fiquei 2 anos e meio sem ver ele, porque quando eu ia antes ver ele, ele *pegava e* vivia fugindo, *eu peguei e* fiquei brava e disse, vou dar um tempo de ver ele, daí fiquei 2 anos e meio. Rosângela (www.tvcultura.com.br/caminhos/23paralelas/paralelas2.htm)

Destaca-se que no exemplo acima o falante (da narrativa) faz duas ocorrências com estrutura perifrástica aspectual “pegar e”, uma na 3ª pessoa do pretérito imperfeito e a outra na primeira do pretérito perfeito, ambas no indicativo.

- 52) Era uma das nossas bandas favoritas. Lembro que a crítica *pegava e* dizia: ‘Aqui, eles adoram o Police!’, e a gente ria. (www.pratica.eti.br/paralamas/textos2.asp?f_codigo=77)

1ª Pessoa/plural: “nós pegávamos e

- 53) Ai sei lá!! Nós íamos muito para o Bom Jesus. Eu trabalhava no Hotel Frankford, e saímos do serviço às 3 horas e depois só entrávamos às 6 horas, e então, nós *pegávamos e* íamos sempre para o Bom Jesus. (http://alfarrabio.di.uminho.pt/mpessoa/ProjectoUM/ManuelSa/_entrevista.xml/5926c49035e6a0415c4b72b4cafd141a.sec2.html)

1ª Pessoa/plural: “a gente pegava e

- 54) Depois dos devidos cumprimentos, a gente *pegava e* falava para a telefonista com qual número ela deveria nos ligar. (<http://zonanon.com/non/plural/arturdc/0039.html>)

3ª Pessoa/plural: “eles pegavam e

55) Só que, à frente deles, estavam Clodoaldo, Gérson, Rivelino, Jair, Tostão, Pelé... Além de criar jogadas maravilhosas e liquidar os rivais com seus gols, quase todos marcavam, *pegavam e* fechavam espaços.

(<http://placar.abril.uol.com.br/aberto/copa/colunistas/coluna3319.shtml>)

FUTURO DO PRESENTE

“Pegarei e substituí pela forma “Vou pegar e , que é como os falantes realizam o futuro do presente simples na língua oral do Português do Brasil.

1ª Pessoa/singular: “eu vou pegar e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “tu vais/*vai* pegar/*pega* e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “você vai pegar e (sem ocorrência)

3ª Pessoa/singular: “ele vai pegar e (sem ocorrência)

1ª Pessoa/plural: “nós vamos pegar e (sem ocorrência)

3ª Pessoa/plural: “eles vão pegar e (sem ocorrência)

FUTURO DO PRETÉRITO

1ª Pessoa/singular: “eu pegaria e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “tu pegarias/*pegaria* e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “você pegaria e (sem ocorrência)

3ª Pessoa/singular: “ele pegaria e (sem ocorrência)

1ª Pessoa/plural: “nós pegaríamos e (sem ocorrência)

3ª Pessoa/plural: “eles pegariam e (sem ocorrência)

Parece ser uma restrição da estrutura perifrástica aspectual “pegar e + no futuro do indicativo, tanto com relação ao futuro do presente quanto ao futuro do pretérito. Em vista da não ocorrência dessa perífrase no futuro lanço a pergunta: Por quê? Como explicar tal restrição? A resposta mais intuitiva que proponho parece ter a ver, também, com a relação do seu uso na realização de ações inesperadas. Assim, como prever uma ação inesperada/repentina no futuro? Parece-me só ser possível quando se tratar de genéricos.

56) Toda vez que João chegar atrasado, ele *vai pegar e* sentar na última cadeira.

SUBJUNTIVO

PRESENTE

1ª Pessoa/singular: “eu pegue e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “tu pegues e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “você pegue e (sem ocorrência)

3ª Pessoa/singular: “ele pegue e (sem ocorrência)

1ª Pessoa/plural: “nós peguemos e (sem ocorrência)

3ª Pessoa/plural: “eles peguem e (sem ocorrência)

As NÃO ocorrências do presente no modo subjuntivo parecem não estar relacionadas a uma impossibilidade semântica e sim ao fato de o uso desse tempo e modo ser menos producente em PB.

PRETÉRITO IMPERFEITO

1ª Pessoa/singular: “eu pegasse e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “tu pegasses/pegasse e (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “você pegasse e

57) ...e pq vc continua entrando no meu blog? vai dizer q é por q natalia qr?se vc nao quizesse *pegasse e* fehasse os olhos...e nao citei seu nome nakele post, se a carapuça serviu pega e veste pow!tow indu hein (<http://www.garotoderessaca.blogspot.com.br/>)

3ª Pessoa/singular: “ele pegasse e

58) Sabe o q eu realmente queria? Q o Homem Bonitinho da Motinho (a paquera do psicólogo) *pegasse e* me desse um beijo cinematográfico no elevador... É bom sonhar...

(http://www.torredearilin.blogspot.com.br/2003_09_01_archive.html)

1ª Pessoa/plural: “nós pegássemos e (sem ocorrência)

3ª Pessoa/plural: “eles pegassem e (sem ocorrência)

As duas ocorrências, uma em 2ª e a outra em 3ª pessoa do singular, modo subjuntivo, novamente ratificam minha hipótese não de impossibilidade dessa perífrase no subjuntivo, mas de sua baixa frequência em nosso dialeto.

FUTURO DO PRESENTE

1ª Pessoa/singular: “*eu pegar e* (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “*tu pegares e* “*você pegar e* “*tu pegar e*
(sem ocorrência)

3ª Pessoa/singular: “*ele pegar e* (sem ocorrência)

1ª Pessoa/plural: “*nós pegarmos e*

59) *Se pegarmos e* olharmos para o Esq.:. e o Comp.:., verificaremos que ambos são Ferramentas de Trabalho do Mundo Profano.
(www.geocities.com/orcosta1007/pensador03.html)

3ª Pessoa/plural: *eles pegarem e* (sem ocorrência)

Da mesma forma que o futuro do indicativo parece não ser possível a expressão “*pegar e +*”, com o futuro do subjuntivo também se observa a mesma tendência. Registrou-se uma única ocorrência na 1ª pessoa do plural desse tempo modal, o que sinaliza que a estrutura mantém o caráter de perífrase aspectual, sendo possível seu uso com caracterização genérica.

IMPERATIVO

AFIRMATIVO

2ª Pessoa/singular: “*pega e* (tu) (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “*pegue e* (você)

60) Depois, deixe rolar normalmente, mas antes de ir embora, se você ainda não tem o telefone dele, *pegue e* passe o seu.
(www.apaixonadashp.hpg.ig.com.br/enroladap.htm)

1ª Pessoa/plural: “*peguemos e* (nós) (sem ocorrência)

2ª Pessoa/plural: “*peguem e* (vocês)

61) Se vocês puderem *peguem e* façam uma propagainha básica no blog ou site!!!

(<http://www.justleo.blogspot.com.br/>)

NEGATIVO

2ª Pessoa/singular: “*não pegues e* (tu) (sem ocorrência)

2ª Pessoa/singular: “*não pegue e* (você) (sem ocorrência)

1ª Pessoa/plural: “*não peguemos e* (nós) (sem ocorrência)

2ª Pessoa/plural: “*não peguem e* (vocês) (sem ocorrência)

Resumindo, a pesquisa de *corpus* indica que o Subjuntivo e o Imperativo são modos em que a estrutura “*pegar e*” ocorre com menos frequência. E no modo Indicativo constata-se que, no tempo futuro, a perífrase parece não ser possível, a não ser, como falei anteriormente, havendo a possibilidade de realização genérica.

No Subjuntivo não houve registro de ocorrência no presente. Hipoteticamente, porém, poder-se-ia encontrar a fórmula nesse tempo, vejamos:

62) Que ele pegue e saia.

Na sentença (62) observa-se uma forma possível de realização, no entanto parece que em termos semânticos não é produtiva dialetalmente.

E no pretérito imperfeito, do subjuntivo, houve duas ocorrências, na 2ª pessoa singular (você) e 3ª pessoa singular.¹⁸

Quanto ao futuro do presente, subjuntivo, houve apenas uma ocorrência na 1ª pessoa plural. Acredito tratar-se da mesma hipótese do indicativo, impossibilidade de ocorrência em sentenças específicas, com possíveis manifestações em sentenças genéricas.

No Imperativo houve duas ocorrências no afirmativo: 2ª pessoa singular (você) e 2ª pessoa plural (vocês). No negativo não houve nenhuma manifestação

¹⁸ É interessante ressaltar que os dois exemplos encontrados na pesquisa são realmente de pretérito imperfeito do subjuntivo. Digo isso porque é comum no dialeto catarinense, sobretudo, de Florianópolis, a realização do passado perfeito do indicativo, principalmente o de 2ª pessoa, com morfologia de subjuntivo.

de uso. Novamente atribuo a baixa realização ao fato de que esse modo não se manifesta com frequência nesse dialeto. Nota-se que mesmo no Imperativo Negativo, onde não houve nenhuma ocorrência, a fórmula parece ser possível:

63) Não pegue e saia correndo quando ele entrar.

Quadro resumo das formas pesquisadas e suas ocorrências:

	INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
P				
R	Eu pego e	S	Eu pegue e	N
E	Tu pegas/pega e	N	Tu pegues/pegue e	N
S	Você pega e	S	Você pegue e	N
E	Ele pega e	S	Ele pegue e	N
N	Nós pegamos e	S	Nós peguemos e	N
T	Eles pegam e	S	Eles peguem e	N
P				
R	Eu peguei e	S		
E	Tu pegaste/pegou/pegasse e	N		
T.	Você pegou e	S		
P	Ele pegou e	S		
E	Nós pegamos e	S		
R	A gente pegou e	S		
F.	Eles pegaram e	S		
P	Eu pegava e	S	Eu pegasse e	N
R	Tu pegavas/pegava e	N	Tu pegasses/pegasse e	N
E	Você pegava e	S	Você pegasse e	S
T.	Ele pegava e	S	Ele pegasse e	S
I	Nós pegávamos e	S	Nós pegássemos e	N

M	Agente pegava e	S	Eles pegassem e	N
P.	Eles pegavam e	S		
F	Eu vou pegar e	N	Eu pegar e	N
U	Tu vais/ <i>vai</i> pegar/ <i>pega</i> e	N	Tu pegares/pegar	N
T.	Você vai pegar e	N	Você pegar e	N
P	Ele vai pegar e	N	Ele pegar e	N
R	Nós vamos pegar e	N	Nós pegarmos e	S
E	Eles vão pegar e	N	Eles pegarem e	N
S.				

IMPERATIVO			
AFIRMATIVO		NEGATIVO	N
Pega e (tu)	N	Não pegues e (tu)	N
Pegue e (você)	S	Não pegue e (você)	N
Peguemos e (nós)	N	Não peguemos e (nós)	N
Peguem e (vocês)	S	Não peguem e (vocês)	N

LEGENDA:

- 1) Quando a 2ª pessoa do singular aparece em *itálico*, aponta para um registro não aceito pela normativa, porém de possível manifestação por falantes do PB e, portanto, pesquisado.
- 2) S = sim (com ocorrência)
- 3) N = não (sem ocorrência)

Essa construção “pegar e + v2” leva-me a pensar que se trata de construção perifrástica aspectual porque parece que ela mostra como acontece o evento internamente, como essa estrutura se dá, de forma inesperada. Assim, parece estar mais próxima da chamada perífrase morfológica,¹⁹ que consiste numa locução

¹⁹ J. Mattoso Câmara Jr., no *Dicionário de Filologia e Gramática: referente à língua portuguesa* (1974), diferencia as perífrases morfológicas das lexicais, sendo estas últimas também tratadas por circunlóquio e seu uso destinado às figuras de linguagem (eufemismo, substituição, metáfora).

gramatical. Ou seja, a forma gramatical perifrástica, em que o vocábulo auxiliar (v.) toma a si a expressão das noções gramaticais, ou significação interna, deixando a significação externa para se expressar pelo outro vocábulo, dito principal (v., por exemplo, conjugações perifrásticas).

Merlan (1999) fez um estudo dessa ocorrência no português europeu e no romeno. A autora reporta-se às construções “pegar e +... / agarrar e + ... evocando a noção de perífrases paratáticas. São compostas por dois verbos flexionados no mesmo modo, tempo, número e pessoa, dos quais apenas o segundo verbo conserva integralmente o semantismo. Tais perífrases são atestadas nas línguas românicas (exceto o francês) e, conforme a autora, contêm na primeira posição quer um verbo de ‘movimento (‘ir , ‘saltar , ‘vir , ‘andar), quer um verbo designado ‘apropriação , ‘assenhramento (‘pegar , ‘tomar , ‘agarrar), quer um verbo locativo (‘pôr-se).

Merlan afirma que as perífrases paratáticas são aspectuais que expressam o começo da ação indicada pelo segundo verbo. Elas têm valor ingressivo (ou inceptivo, ou incoativo). Neste ponto gostaria de dizer que concordo com a posição da autora, mas que a questão aspectual não implica apenas nisso, tem-se claro a característica de ser perfectivo e brusco.

As perífrases paratáticas expressam, dentro da categoria aspecto, a unidade ou a globalidade da ação, ou seja, têm a ver com a consideração de ação (indicada pelo segundo verbo) pelo locutor como um todo.

Conforme Merlan (1999), no português, as perífrases paratáticas, específicas do estilo coloquial, constroem-se com verbos PEGAR (acompanhado ou não por pronome reflexivo tônico em caso preposicional) AGARRAR IR CHEGAR.

Vejamos alguns exemplos (recolhidos de duas coletâneas de contos populares portugueses, ou por falantes nativos do português de várias idades, nível social e cultural):

“...João Peludo *pegou* e meteu o dedo mindinho debaixo da bengala e voltou-se logo.

“E *pegou* em si e foi ao palácio.

“*Agarrei* e contei-lhe tudo. ²⁰

²⁰ Nota-se que a sentença é ambígua.

“O pai, muito desesperado, agarrou em si e foi-se embora.

A autora ressalta que nas estruturas paratáticas, os verbos do tipo “pegar sofrem mudanças semânticas, pois perdem o sentido concreto e adquirem um sentido abstrato.²¹ Acredito que falta dizer que esse novo sentido não tem a ver com qualquer significação do verbo “pegar”, seja num sentido polissêmico, ambíguo ou metafórico. Aliás, não se pode mais falar em verbo. A perífrase aspectual “pegar e + não mantém mais condição de verbo, ela funciona como um operador semanticamente semelhante a um advérbio que dá um comando imediato de ação ao verbo posposto a essa estrutura. Comando esse que indica o começo e o fim da ação do verbo que a segue, com caráter pontual de realização.

Para Merlan, estes verbos “pegar” e “agarrar” têm a função de indicar, de um contexto para o outro, a chamada, o espanto, a irritação, o lamento do locutor.

- a) “Peguei e torci o pé.
- b) “Pegou e irritou-se com a notícia.

Para melhor compreensão do que a autora propõe, buscarei mostrar a diferença entre o que seria uma perífrase paratática (ou paractática) e uma hipotática (ou hipotáctica).

As perífrases paratáticas, como a própria nomenclatura aponta, são formadas por expressões sintáticas coordenadas. O processo paratático é a construção em que os termos se ordenam numa sequência e não ficam conjugados por sintagma (v.). Na coordenação, cada termo vale por si e a sua soma dá a significação global em que as significações dos termos constituintes entraram ordenadamente lado a lado.

Enquanto a parataxe se dá pela coordenação, a hipotaxe constitui-se pela subordinação. Ou seja, é o processo linguístico que cria o sintagma (v.), estabelecendo entre os constituintes uma relação de determinado a determinante. Assim, a hipotaxe é a construção sintática em que uma oração, determinante, é pois subordinada, se articula com outra, determinada por ela e principal em relação a ela.

Resumindo, a diferença principal entre as perífrases paratáticas e as hipotáticas é que as primeiras são pertencentes à categoria aspectual que designa por visão

²¹ Pelo que pude observar nos exemplos do PB, a diferença de sentido concreto ou abstrato é insuficiente para explicar a perífrase aspectual “pegar e” (ver páginas 2 e 3).

global (ou globalizadora), dentro da qual expressam a globalidade da ação opondo-se às perífrases hipotáticas que expressam uma ação vista num ponto ou entre dois pontos do seu desenvolvimento, ou seja, a visão parcial.

Da questão aspectual

Nesse ponto é importante dizer que a questão do aspecto verbal não é ponto pacífico entre os autores do assunto.

Almeida (1980) aponta que a história do aspecto tem mostrado que a conceituação de categoria ganhou maior complexidade quando saiu dos quadros do verbo eslavo, no século XIX. A dualidade fundamental do aspecto do verbo eslavo é a de perfectivo e imperfectivo.

Conforme Almeida (1980), um dos maiores problemas na conceituação do aspecto está estreitamente ligado à distinção que os alemães fizeram entre *ASPEKT* e *AKTIONSART*. “Essa distinção, que opõe a dualidade imperfectivo-perfectivo a outras manifestações do processo verbal, tais como a do incentivo, do terminativo, do iterativo, etc... (ALMEIDA, 1980, p. 31).

Disso temos autores que divergem quanto à separação do aspecto em duas categorias, sendo o *ASPEKT* a expressão de uma ação em término ou em desenvolvimento e *AKTIONSART* a expressão de uma ação em realização de certa maneira (iterativo, durativo, etc.) A partir dessa divisão chegou-se a um ponto menos divergente onde teríamos a categoria *subjativa* do aspecto, concernente à maneira pela qual o sujeito falante representa o desenvolvimento da ação e, a *objetiva* *AKTIONSART*, concernente à maneira pela qual tem lugar a ação.

Para Almeida (1980), o problema da dicotomia entre aspecto e *AKTIONSART* (traduzido por atualização da ação) é fundamentalmente terminológico. Para esse autor, o importante é reconhecer dentro do verbo português outra noção, além da de *tempo* e *modo*, que é a visão *espacial* do processo, baseado fundamentalmente na dualidade perfectivo/imperfectivo, com características diversificadas no *atualizar da ação*.

Dessa forma, Almeida sugere que se considere como aspecto *lato sensu*, em oposição ao aspecto *strito sensu*, que fundamentalmente se caracteriza pelas noções de inceptividade, de cursividade, de terminação, de pontualidade, de duração, de iteração e de globalidade. Estas noções podem opor-se em dois grupos distintos que ele chama de “aspectos de fase” e “aspecto de extensão”. No primeiro grupo o

autor inclui a inceptividade, a cursividade, a terminação; no segundo, a duração, a pontualidade e a iteração, representando a globalidade, a neutralização da oposição “durativo-pontual”. Para resumir, Almeida apresenta o seguinte quadro:

I *Aspectos lato sensu*

1. Perfectivo Ex.: O ladrão *pulou* o muro.
2. Imperfectivo Ex.: Paulo *dormia* e não viu o incêndio.

II *Aspectos stricto sensu*

A Aspectos de “fase

1. Incentivo () M. *começou a trabalhar* no cinema.
2. Cursivo (... ..) M. *está a trabalhar* no cinema.
3. Terminativo (...) M. *deixou de trabalhar* no cinema.

B Aspectos de “extensão

1. Pontual (.) *Caiu* o dólar.
2. Durativo () As ações *continuam a cair*. (ALMEIDA, 1980, p. 40)

Dito isso, a noção que decorre das observações da estrutura “pegar e + ...” é aquela de perífrase aspectual. Podemos constatar que tal construção perifrástica expressa o começo súbito (movimento brusco) de uma ação que será concretizada pelo segundo verbo. Vejamos:

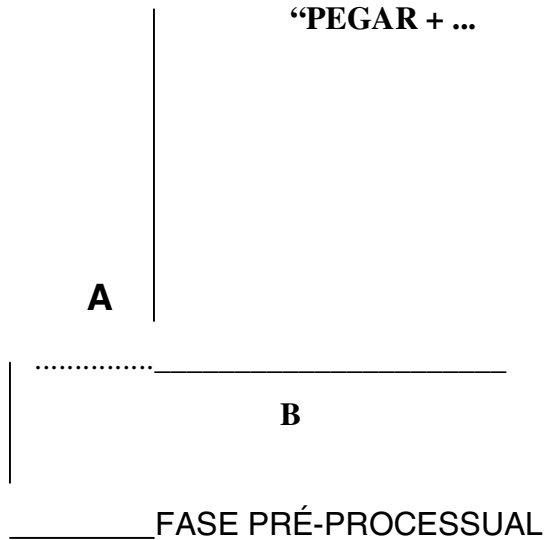
64) *Peguei e saí* da sala.

65) João *pegou e desligou* o rádio.

Em ambas as sentenças, nota-se que “peguei e +...” / “pegou e + ...” exprimem certa imediatividade (um processo repentino) para efetuar a ação a ser materializada pelo 2º verbo (sair/desligar). Assim, intui-se que essa construção pode ser um sinônimo de “de repente”, “repentinamente”. Ambos advérbios.

Enfatizo que ao tratarmos com a expressão “pegar e + ...”, imaginamos “algo” que ativa, instantaneamente uma ação num ponto espaço-temporal.

Uma solução (?)



Embora não seja tão pacífico o percurso de uma solução para o presente impasse, acredito que a construção “pegar e + ... revela-nos um caráter de instantaneidade do evento. Essa forma exprime o início do evento, mas não apenas o início brusco. Compare:

- 66) Ele começou a sair.
- 67) Ele pegou e saiu.

Acredito ainda que ela apresenta o evento como terminado: “Ele pegou e saiu , ele já saiu. “Ele começou a sair e morreu antes de sair . No caso de “pegar e isso não é possível.

Assim: X *pegou e + ...*

Se afirmarmos:

- 68) Pedro *pegou e* correu.

A forma “pegou e + ... vai ativar a ação que virá depois correr. Então, Pedro decidiu repentinamente correr, mas já realizou a ação até o final; por isso é um advérbio (aspectualizador) perfectivo.

69) Pedro correu.

Nessa sentença, o indivíduo apenas praticou a ação de correr. Não há algo que determine uma decisão súbita de praticar determinada ação. Pode-se concluir, por conseguinte, que “pegar e + ...” é um operador que vai marcar o caráter imediato da ação.

Observemos as sentenças que seguem:

70) Estava lá vendo um filme, como não gostei, *peguei e* fui dormir.

71) Estava lá vendo um filme, como não gostei fui dormir.

Na sentença (70) “pegar e + ...” exprime a decisão repentina e também inesperada que vai levar a uma outra ação (ir + dormir). Ao passo que na sentença (71), não há o operador que possa atuar sobre a segunda ação, dando-lhe um caráter de instantaneidade.

Dadas as observações, sugiro atribuir à construção “pegar e + ...” o *status* de ativador de ação dentro da sentença, de caráter incentivo, ou seja marca o início da ação, mas não apenas isso. A ação é desencadeada de forma brusca, é pontual, não tem duração e ainda é perfectivo.

Aspectualização

Como se pôde observar anteriormente, o operador “pegou e + ...” faz com que, instantaneamente, emerge uma ação cuja materialização se efetuará nos verbos pospostos.

Observemos as sentenças:

72) Ele *pegou e* desligou o rádio.

73) Marta *pegou e* saiu.

Os segundos verbos (desligou/saiu) expressam ações acabadas: o indivíduo, no mundo, desligou o aparelho e o outro, de fato, saiu. Temos o perfectivo.

E o que dizer de “pegar e + ...”? Estamos tratando de uma ação acabada? Parece que sim, e ainda perfectiva. O mais intuitivo é hipotetizar que o evento é

descrito como emergindo como se numa fração de segundo, a ação “explodisse”, ou seja, explode e se concretiza (termina). O que caracteriza o aspecto pontual. Quando falo em ação estou pensando no ato de tomar a decisão.

Uma outra hipótese nos revela que a perífrase exprime uma aspectualização de ação expressa pelo segundo verbo. Vejamos:

- | | |
|--------------------------|-------------------------|
| 74) Pedro <u>pegou e</u> | <u>desligou</u> a TV. |
| <u>Pontual</u> | 2º VERBO |
| uma ação vai eclodir | <u>aspecto pontual</u> |
| Pegou e ... | não há uma duração |
| | |
| 75) Kátia <u>pegou e</u> | <u>entregou</u> a carta |
| <u>Pontual</u> | 2º verbo |
| | <u>Pontual</u> |

Considerações finais

O que torna difícil chegar a uma conclusão da atuação da expressão “pegar e +” é que uma coisa é analisar apenas a estrutura, ou seja, olhar somente para o “pegar e”, o qual passa a idéia de ser “algo” que irá atuar no verbo dando um caráter de iniciar a ação, por isso falei de incentivo, o que caracterizaria a estrutura como um Aktionsart. Mas, no momento que se coloca o segundo verbo “V2” posposto à expressão, esse verbo aparece com caráter perfectivo, de ação já acabada. Neste ponto gostaria de levantar uma questão: a ação acabada é o que caracteriza a pontualidade do verbo? Talvez fosse melhor falar, em vez de pontual, não-durativo.

Observa-se também que a expressão “pegar e +” pede um sujeito humano e tem um caráter volitivo. Cabe ainda falar que a expressão parece não admitir um sujeito inanimado.²² Vejamos:

- 76) * O vento pegou e derrubou a árvore.
77) * A casa pegou e queimou num segundo.

²² Um exemplo contrário ao que estou propondo apareceu em (45) “...Foi-se desta para melhor... Pegou e morreu, à toa... Observo que nesse caso não se tem uma vontade própria de tomar uma decisão súbita, por parte de quem morreu. Mas, essa ação foi recebida com surpresa, ou seja, de forma inesperada, por quem produziu a sentença. Talvez se tenha de pensar em outra hipótese para as manifestações não volitivas.

Nota-se também que o imperfectivo não combina com a expressão “pegar e + :

78) * João pegou e estava escrevendo uma carta.

Do mesmo modo que parece não ser possível usar com a perífrase do progressivo:

79) * João estava pegando e escrevendo a carta.

Observa-se que a única possibilidade de uso imperfectivo parece ser também a repetição, o hábito. No hábito temos vários eventos repetidos. É o modo de repetir a ação, como pode ser visto em:

80) João pegava e saía correndo toda vez que ele encontrava seu pai.

Finalizando, para a expressão “pegar e + V2 podemos apontar as seguintes características:

- 1) Ação súbita. Caracteriza o verbo posposto como sendo de ação inesperada, tomada de forma brusca;
- 2) Determina o início imediato da ação, fazendo-a “explodir no exato momento, dando um caráter de ação já terminada;
- 3) É volitiva, apresenta um caráter de desejo, de vontade, requer um sujeito animado.
- 4) Não-durativa.

BRAGA, Sandro. Aspectual periphrasis “to catch and + . **Revista do Gel**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 31-59, 2009.

ABSTRACT: *An approach of the verb “to catch” in periphrasis context where the first verb begins to function not as an indicator of action, but as an operator that assigns another action in an immediate and unexpected way.*

KEYWORDS: *Semantics. Verb to catch. Periphrasis.*

Referências

ALMEIDA, João de. **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. Assis: Ilhpa-Hucitec, 1980.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**: referente à língua portuguesa. 6.ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.

MERLAN, Aurélia. Sobre as chamadas “perífrases verbais paratáticas” do tipo “PEGAR E + V2” nas línguas românicas. **Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”**, Porto, XVI, p. 159-205, 1999.

